

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO
Coordenação

Aljubarrota Revisitada



Comment le roy de portingal desconfist le roy de castille a Jubarrota. .i. xb



Coimbra • Imprensa da Universidade

(Página deixada propositadamente em branco)

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO

Coordenação

Aljubarrota Revisitada

AUTORES

João Gouveia Monteiro

Fernando Pedro Figueiredo

Lídia Catarino

Helena Catarino

Eugénia Cunha

Carina Marques

Vitor Matos



Coimbra • Imprensa da Universidade

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEPÇÃO GRÁFICA
António Barros

INFOGRAFIA
António Resende
Estimulus [design] • Coimbra

EXECUÇÃO GRÁFICA
G.C. - Gráfica de Coimbra, Lda.
Palheira • Assafarge - Apart. 3068
3001-453 Coimbra Codex

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Batalha de Aljubarrota. Iluminura das *Chroniques d'Angleterre*,
de Jean de Wavrin. Século XV. Londres, British Museum.

ISBN
972-8704-00-3

DEPÓSITO LEGAL
167843/01

© JULHO 2001, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



OBRA PUBLICADA COM O PATROCÍNIO DE:
GOVERNO CIVIL DE LEIRIA, CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO-DE-MÓS, CÂMARA MUNICIPAL DA BATALHA,
CIDADE EXPRESSO - SERVIÇOS DE DISTRIBUIÇÃO, S.A. E ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

2. À DESCOBERTA DOS VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS

2.1. Apresentação

Símbolo paradigmático da nossa História Militar da Idade Média, a batalha de Aljubarrota teve lugar a escassos 6/7 km para sul do Mosteiro da Batalha, na área onde hoje estão o Museu e o Campo Militar de S. Jorge. O local fica perto da Estrada Nacional (E.N. 1), na povoação de S. Jorge, freguesia de Calvaria de Cima, concelho de Porto de Mós e distrito de Leiria. Vem assinalado na Carta Militar Portuguesa (C.M.P. 1/25.000, folha nº 308), com as seguintes coordenadas: Long. W - 87,4; Latit. N - 13,3, a uma altitude média de 165 m (Fig. INT. 1).

A intervenção arqueológica, cujos resultados agora se apresentam, adveio do facto de, em 1995, ter sido contactada pelo Doutor João Gouveia Monteiro, na altura em que iam realizar-se prospecções geofísicas, dirigidas pelo Eng.º Fernando Pedro Figueiredo. Visitei o local durante esses trabalhos e foi-me então proposta colaboração, no sentido de proceder a sondagens arqueológicas, caso fossem positivos os resultados das referidas prospecções. Mas, por condicionamento decorrente da nossa investigação académica (ambos preparávamos a dissertação de doutoramento), só no início do ano lectivo de 1998/1999 se retomou o projecto. As sondagens da geofísica tinham revelado anomalias, que poderiam coincidir com dispositivos de defesa relacionados com a batalha de Aljubarrota, pelo que seria de todo o interesse proceder a sondagens arqueológicas.

Os trabalhos de campo efectuaram-se no mês de Junho de 1999, em terreno particular, pertencente ao Sr. Joaquim Luís Monteiro, que deu

(*) Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Instituto de Arqueologia.

autorização para as escavações. O local está, no entanto, junto dos terrenos que pertencem ao Campo Militar de S. Jorge, localizando-se a escavação nos limites dos dois terrenos: particular e militar. Situa-se numa área afastada (para noroeste) das intervenções realizadas anteriormente, quer pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço, quer pelo Dr. Fernando Severino Lourenço.

A zona das sondagens arqueológicas de 1999 implantou-se em amplo campo de lavoura, com mato pouco denso e feno, em terrenos sem muros de propriedade, mas tendo, ao longo dos limites do campo particular com o militar, uma sequência de antigas oliveiras (Fig. 2.1). O local – ÁREA I do Mapa de resistividade alfa (Fig. 2.3) – fica precisamente junto dessas árvores, perto da ermida dedicada a S. Jorge, do lado poente, entre a Estrada Nacional N.º 1, a Oeste, e a estrada de S. Jorge, a Este.

As escavações não teriam sido possíveis sem o necessário suporte financeiro, sendo meritório o apoio de várias Instituições, já referidas na Introdução a esta monografia. Ao Museu Militar de S. Jorge e ao Campo Militar de S. Jorge ficamos gratos pelo apoio logístico de materiais e, principalmente, pelo incentivo dado durante os trabalhos. A Câmara Municipal de Porto de Mós forneceu também meios técnicos – um operador de máquina e retroescavadora – para remoção de terras, de modo a que, no final da escavação, ficasse novamente tapada toda a área onde se efectuaram as sondagens.

Realizados sob minha direcção, os trabalhos de campo contaram com a colaboração das seguintes pessoas: Elisa Albuquerque e Sílvia Moreira, licenciadas em História, variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Iban Sanchez, aluno de Arqueologia Medieval, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, ao abrigo do programa ERASMUS; 1º Cabo Ricardo Godinho, funcionário do Museu; e Simão David, natural de S. Jorge e aluno do Ensino Secundário. Durante os trabalhos contámos também com a colaboração da Dr.ª Leonor Cruz Pontes que, para além de apoio técnico, participou um dia nas escavações. O terreno foi marcado de forma a incidir sobre os pontos indicados no Mapa de resistividade, na presença do Doutor João Gouveia Monteiro, coordenador do projecto histórico sobre a “Renovação do Campo Militar e Museu de S. Jorge” e do Eng.º Fernando Pedro Figueiredo, do Departamento de Ciências da Terra, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, responsável pela aplicação da Prospecção Geofísica.



Fig. 2.1 - 1. Terreno onde decorreu a escavação de 1999, junto da fiada de oliveiras que servem de limite de propriedades; 2. Quadrado L10, com o enterramento de ovino/caprino.

2.2. Objectivos e metodologia

Os principais objectivos da campanha de escavações efectuadas em 1999 foram testar a validade das prospecções geofísicas e comprovar, ou não, se as anomalias então verificadas coincidiam com obras militares relacionadas com a batalha de Aljubarrota. As escavações anteriores, realizadas pelo Tenente-Coronel Afonso do Paço, em 1958 e 1959, e pelo Dr. Fernando Severino Lourenço, em 1985, incidiram nas seguintes áreas: em torno da Ermida de S. Jorge, onde se identificaram fossos e uma vala com enterramentos humanos, cujo estudo agora se apresenta (Cap. 3.º); numa zona mais afastada, a sudeste da ermida, local que revelou um assinalável conjunto de "covas de lobo" e vários fossos.

Pretendia-se agora alargar os conhecimentos: identificar um hipotético prolongamento do fosso que passava junto da ermida, ou possível existência de outro fosso oposto, suposição colocada a partir dos resultados da prospecção geofísica (Fig. 2.2); detectar eventual existência de "covas de lobo", numa área bastante afastada do conjunto escavado por Afonso do Paço, sendo imaginável que existissem outros dispositivos de defesa, opostos aos já identificados, precisamente no lado direito da vanguarda portuguesa.

Definidos os objectivos, questionar, observar e descrever o terreno foram as etapas seguintes da investigação, neste caso articulada de uma forma organizada e interdisciplinar, único caminho lógico para se atingir uma arqueologia global e um melhor conhecimento histórico sobre a batalha de Aljubarrota. Sendo a escavação um momento decisivo do processo, foi definido o espaço da intervenção – ÁREA I (Fig. 1.10) – e procedeu-se à limpeza do terreno. Marcaram-se depois as quadrículas, de 4x4 m de lado, a partir das estacas P4/P8 colocadas aquando da prospecção geofísica (Fig. 2.3). Estas localizaram-se no topo leste da propriedade privada, junto do limite com os terrenos pertencentes ao Campo Militar.

Numa faixa de terreno com 40 m de comprimento, em direcção a poente, as sondagens decorreram apenas em três sectores: nos quadrados L10/M10, onde eram mais acentuadas as anomalias indicadas pela geofísica; no quadrado Q11, onde também se notava uma anomalia acentuada; no quadrado T10/U10, já no topo poente do terreno, zona inicialmente não prevista para escavar, por não apresentar anomalias e, inclusivamente, por estar no exterior do limite da prospecção geofísica.

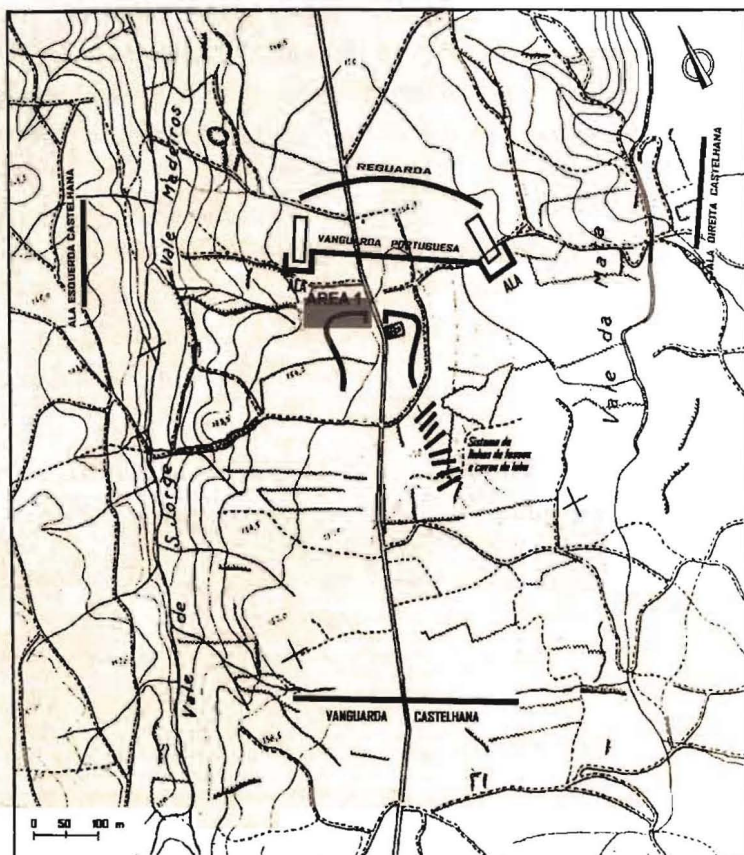


Fig. 2.2 – Esquema das defesas acessórias já descobertas e dos prováveis dispositivos das duas hostes pouco antes de as suas vanguardas avançarem ao encontro uma da outra (extraído de Afonso do Paço, 1959, Fig. 1). Localização da ÁREA I das prospeções geofísicas e das sondagens arqueológicas.

Porque a intervenção arqueológica se restringiu a um mês, em sondagens pontuais e não em extensão, como seria desejável, houve necessidade de quadricular o terreno, para o que se utilizou a trama marcada durante os trabalhos de geofísica (Fig. 2.3). No entanto, mais do que em

qualquer outro sítio arqueológico, a estratégia de escavação a aplicar não teria sentido utilizando uma quadriculagem com *banquettes*, deixando testemunhos, ou muretes regulares entre cada quadrado (método Wheeler). Esse método tornaria ainda mais restritiva a observação espacial dos achados que, à partida, seriam apenas estruturas negativas sincrónicas, relacionadas directamente com a batalha.

Embora se dividisse o terreno em quadrículas, seguiu-se a estratégia de escavação em área aberta (*open area*), de modo a individualizar-se cada realidade arqueológica, independentemente de correlacionar-se, ou não, com o campo de batalha. Assim, foi aplicado o método das unidades estratigráficas (UE.^s), tendo por base o convencionalizado por Harris, na obra *Principles of Archeological Stratigraphy*, bem como em outros trabalhos de metodologia arqueológica.

As fichas utilizadas na descrição de cada unidade estratigráfica (camada natural de deposição arqueológica) foram adaptadas a partir da Matriz de Harris e de trabalhos publicados na obra *Harris Matrix*, adoptando-se preferencialmente a ficha utilizada em Ampúrias. Foi dado um número a cada deposição de terras aráveis e, tendo-se encontrado apenas estruturas negativas verticais (fossas escavadas no solo), foram-lhes atribuídos dois números: um correspondendo ao seu corte no saibro; outro ao enchimento posterior.

2.3. Resultados da escavação

A área escavada apresenta-se graficamente com a sequência das quadrículas, assinaladas sobre o mapa de resistividade alfa – ÁREA I – dispositivo Wenner tripotencial (Fig. 2.3), e em esquema, com as cotas de superfície (Fig. 2.4). Após desmatação, seguiu-se a implantação dos quadrados L10/M10, primeira sondagem a ser escavada. A segunda sondagem corresponde à quadrícula Q11 e a terceira, inicialmente não prevista, situa-se na quadrícula U10, prolongando-se para T10. O ponto 0 implantou-se a partir da estaca P4, no canto sul/este do quadrado L10, e aí se instalou uma cavilha cimentada, de modo a que todas as cotas negativas continuassem a ser marcadas por esse ponto.

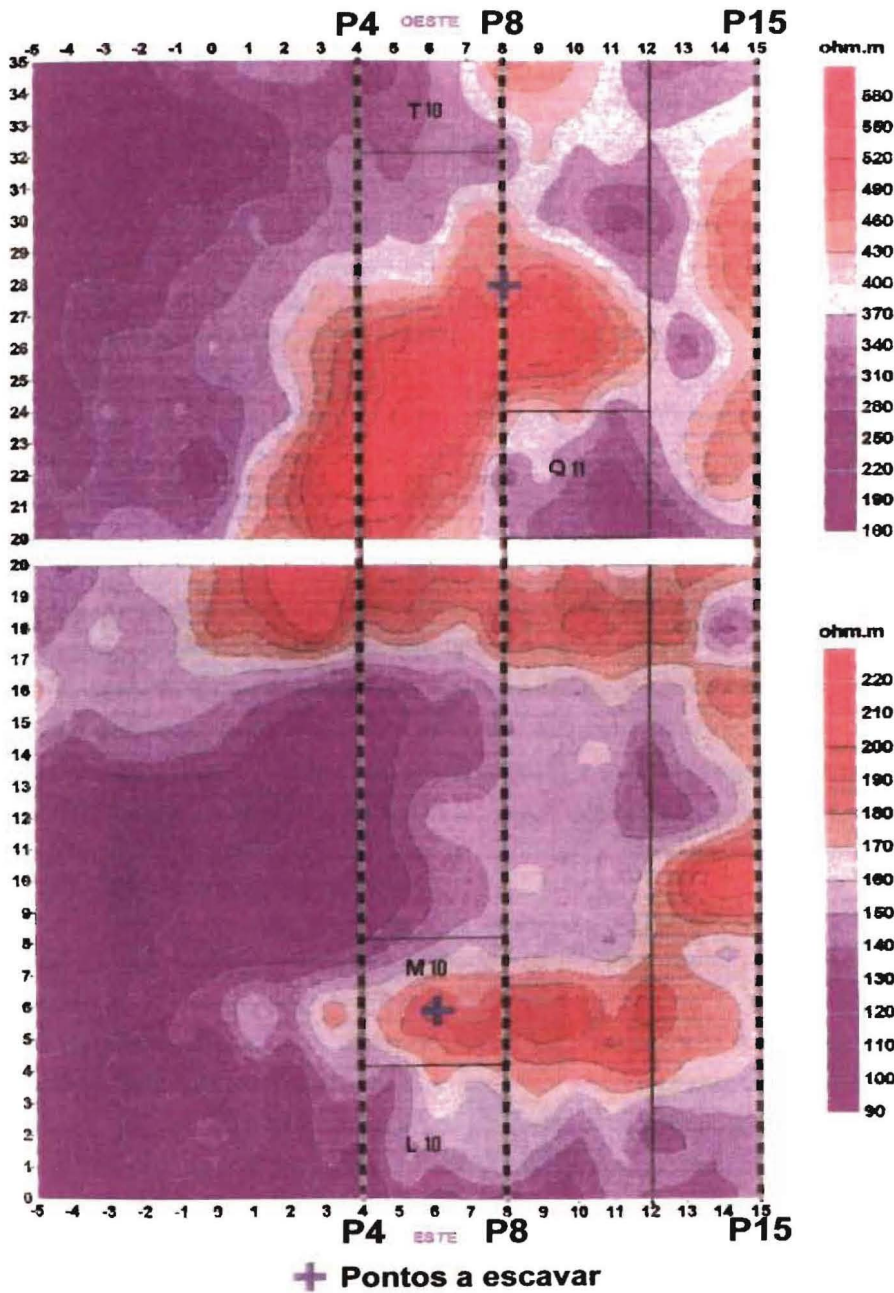


Fig. 2.3 – Mapa de resistividade alfa - ÁREA I - e localização dos perfis dipolo-dipolo P4, P8 e P15, assinalando-se o local das sondagens arqueológicas.

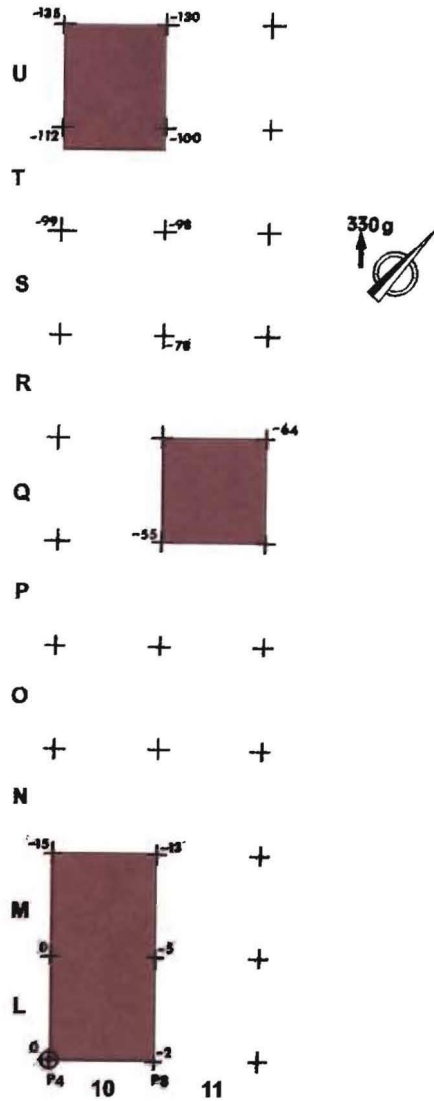


Fig. 2.4 – Implantação esquemática das quadrículas escavadas e cotas negativas da superfície, mostrando a inclinação do terreno para ponte.

2.3.1. Sondagem I: quadrados L10/M10

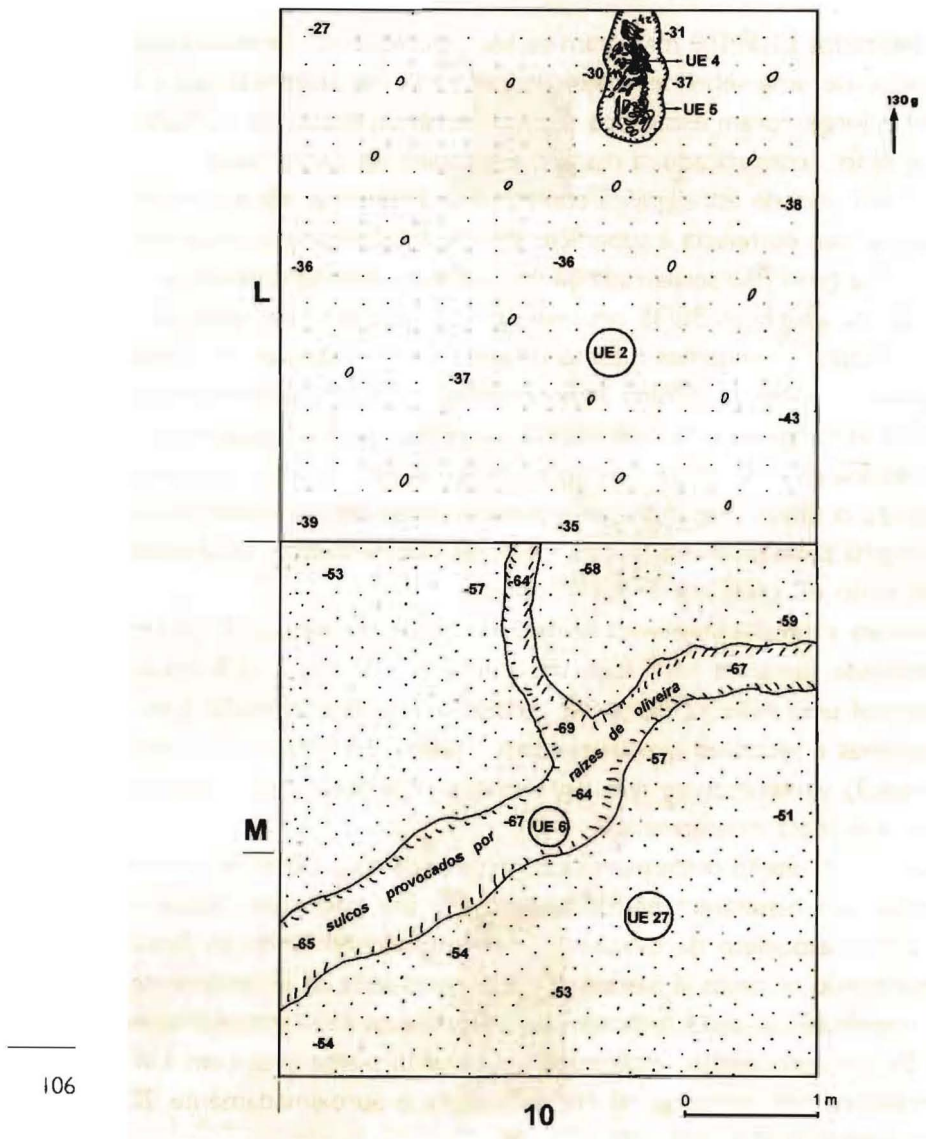
Os quadrados L10/M10 marcaram-se no topo leste do terreno, junto de oliveiras e de uma sebe de arbustos, que serve de separação para a estrada de S. Jorge. Foram escavados simultaneamente, depois de cortados a erva e o feno - com roçadeira manual e máquina de cortar relva.

A primeira unidade estratigráfica corresponde à terra superficial e arável (UE.1). Estava mais compacta à superfície, devido a raízes pouco profundas e ao facto de a terra não ser lavrada há muitos anos. Esta camada, de terra castanha escura, atingiu os 30/35 cm, sem haver nada a assinalar, para além de calhaus rolados, abundantes mesmo à superfície, e cerâmicas de época contemporânea - telhas, tijolos e recipientes partidos, pertencentes seguramente às ruínas de uma casa situada nas proximidades. Seguia-se uma camada mais fina (5 a 10 cm de espessura), de terras escuras e pouco duras, que antecedia o saibro que caracteriza a rocha. Esta unidade estratigráfica (UE.2) continha também muitas raízes, neste caso pertencentes às oliveiras localizadas junto do perfil norte dos quadrados.

A primeira anomalia observada no terreno encontrou-se aos 35/36 cm de profundidade, junto do perfil leste do quadrado L10 (Fig. 2.5). Tornava-se perceptível uma mancha de terras escuras e húmidas, rodeadas pelas terras castanhas e saibrosas que antecedem a rocha. Individualizou-se esta mancha (UE.3) verificando-se que pertencia a uma fossa relativamente recente, mas de data indeterminada.

Durante a escavação desta mancha começaram a aparecer alguns ossos em conexão, que resultaram na identificação de um animal de pequeno porte (UE.4) – esqueleto de ovicaprino – depositado no fundo da fossa, mas apresentando os ossos já bastante frágeis, pelos anos de enterramento (Fig. 2.5). Recolhidos os ossos, procedeu-se à limpeza da fossa propriamente dita (UE. 5), que tem sentido este/oeste e apresenta planta oval, com 1 m de comprimento por cerca de 40 cm de largura e aproximadamente 20 cm de profundidade (Fig. 2.6).

Para além desta fossa apenas se observaram leves sulcos, provocados por lavouras antigas, e uma mancha irregular (UE. 6), que havia pertencido aos vestígios deixados por uma enorme raíz, seguramente de oliveira, que se estendia pelo quadrado M10 (Fig. 2.5). A rocha, composta por saibro e areia (UE. 27), encontrava-se a 40/45 cm de profundidade sem que, nesta



106

Fig. 2.5 – Planta de L 10 e M 10.

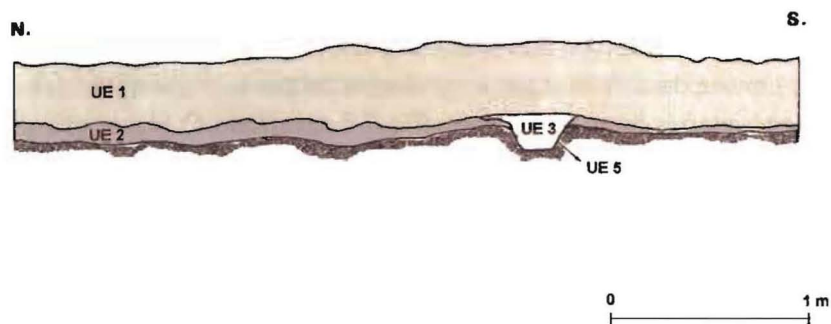


Fig. 2.6 – Quadrado L 10. Perfil estratigráfico leste, com a fossa (UE. 5) e na rocha (UE. 27).

sondagem, se tivesse verificado outra anomalia que não fosse o enterramento acima indicado.

Terminada a escavação nestes quadrados, o balanço foi o seguinte:

1. No local onde se indicava a anomalia fornecida pela leitura da prospecção geofísica, a rocha estava apenas a 40/45 cm de profundidade e não existia nenhum vestígio arqueológico assinalável, deduzindo-se, portanto, que as anomalias detectadas eram de natureza geológica;
2. Nesta área, as únicas anomalias não geológicas foram provocadas pelas raízes das oliveiras (que marcaram sulcos, em várias direcções, no quadrado M10) e pela fossa onde estava o esqueleto.

No final da primeira semana de trabalho, verificou-se que os resultados da geofísica assinalavam anomalias regulares, as quais não coincidiram com

estruturas arqueológicas, e que não identificavam a fossa de enterramento do pequeno animal. Neste caso, concluí que seria pouco viável seguir um método que, possivelmente, só havia considerado anomalias de maiores profundidades do que os 40/45 cm a que a rocha se encontra nesta área. Assim, em vez de abrir a segunda sondagem no ponto inicialmente previsto, optei por intervir numa outra zona (Fig. 2.3, quadrado Q.11), opção aceite pelos Eng.º Fernando Pedro Figueiredo e Doutor João Gouveia Monteiro.

2.3.2. Sondagem 2: quadrado Q11

A quadrícula Q11 foi implantada a partir da estaca P8, para o lado norte, entre os 8 m e os 12 m. Para poente, o quadrado foi marcado entre os 20 m e os 24 m, conforme se indica no mapa de resistividade, ficando sem efeito o segundo ponto aconselhado a escavar, o qual se situava aos 28 m da estaca P8 (Fig. 2.3). A intervenção arqueológica efectuou-se, assim, num espaço com possíveis anomalias, situado entre duas oliveiras verdejantes, que servem de limite entre o terreno particular e o do Campo Militar.

As terras de superfície encontravam-se muito compactadas, como nos quadrados acima descritos. Este estrato (UE. 1) apresentava uma coloração castanha escura (M. 5YR 4/6), com muitas raízes, principalmente das oliveiras, e atingia uma profundidade entre os 15 cm, no canto norte da quadrícula, e os 30/35 cm, no resto do quadrado. Corresponde a terras aráveis, onde se misturam alguns materiais de inícios e meados do século XX: telhas, tijolos, cerâmica, incluindo louça de Sacavém e de "ratinhos" e alguns fragmentos de pregos.

A partir dos 30 cm de profundidade verificou-se que as terras se tornavam menos duras, mais húmidas e com várias manchas escuras. Assim, individualizou-se o estrato 2 (UE. 2), de características iguais ao estrato 2 das quadrículas L10/M10, também com raízes, e de onde se recolheram alguns materiais: dois fragmentos de faiança com decoração azul; um fragmento com engobe de cor alaranjada no interior e traços de decoração a branco; um bordo e um fundo de cerâmica comum. Entre os metais, contam-se os seguintes registos: um cravo de ferradura, dobrado em L; dois minúsculos fragmentos de ferro, informes; duas pontas de pregos ou de cravos de ferradura; um prego, a que falta a cabeça.

Este estrato estava cortado, em vários locais, por manchas um pouco mais escuras. Definidas as manchas, aos 38/40 cm de profundidade, verificou-se que estavam cortadas na rocha (UE. 27) e correspondiam a "covas de lobo" (Fig. 2.7): no canto sul da quadrícula estavam quatro, bem alinhadas (covas 1 a 4); a pouca distância havia uma segunda fila de quatro (covas 5 a 8); uma outra (cova 9), aparentemente isolada, estava na zona norte do quadrado, junto do perfil poente.

Descreve-se, em seguida, cada uma das "covas de lobo", com as respectivas unidades estratigráficas (Figs. 2.8 e 2.9), bem como os materiais encontrados em conexão:

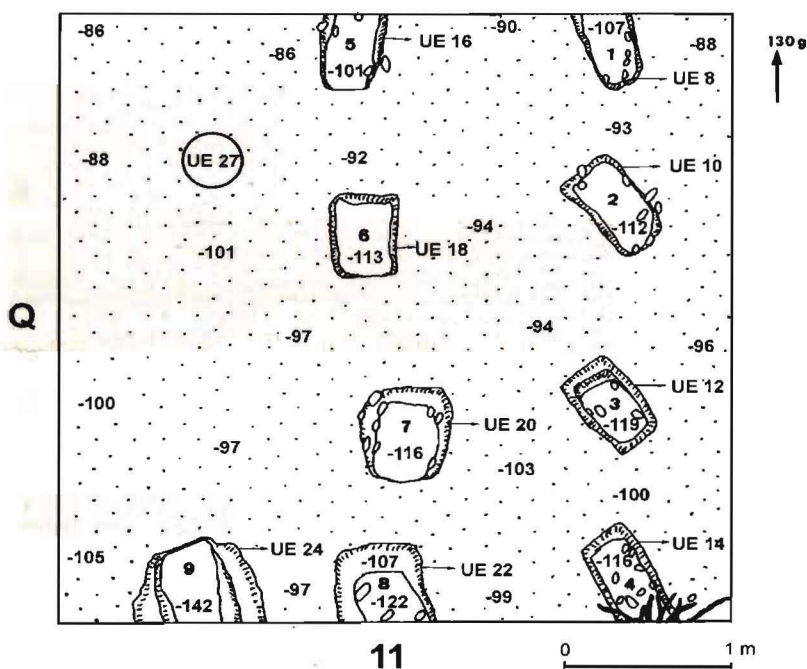


Fig. 2.7 – Planta do quadrado Q 11, com a identificação das nove "covas de lobo" escavadas no saibro (UE. 27).

Primeira fiada: 1. UE. 7/UE. 8; 2. UE. 10; 3. UE. 11/UE. 12; 4. UE. 13/UE. 14; 5. UE. 15/UE. 16; 6. UE. 17/UE. 18; 7. UE. 19/UE. 20; 8. UE. 21/UE. 22; 9. UE. 23/UE. 24.

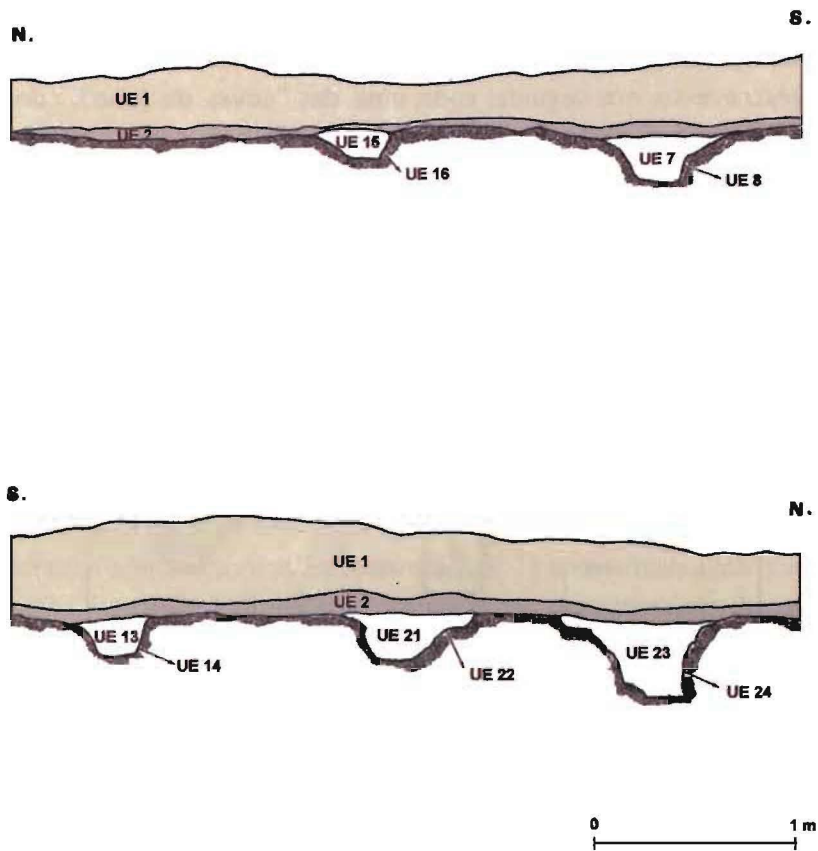


Fig. 2.8 – Perfis estratigráficos no quadrado Q 10:
 1. Topo leste: "covas de lobo" N.º 1 (UE. 7 e 8) e N.º 5 (UE. 15 e 16);
 2. Topo oeste: "covas de lobo" N.º 4 (UE. 13 e 14), N.º 8 (UE. 21 e 22) e
 N.º 9 (UE. 23 e 24).

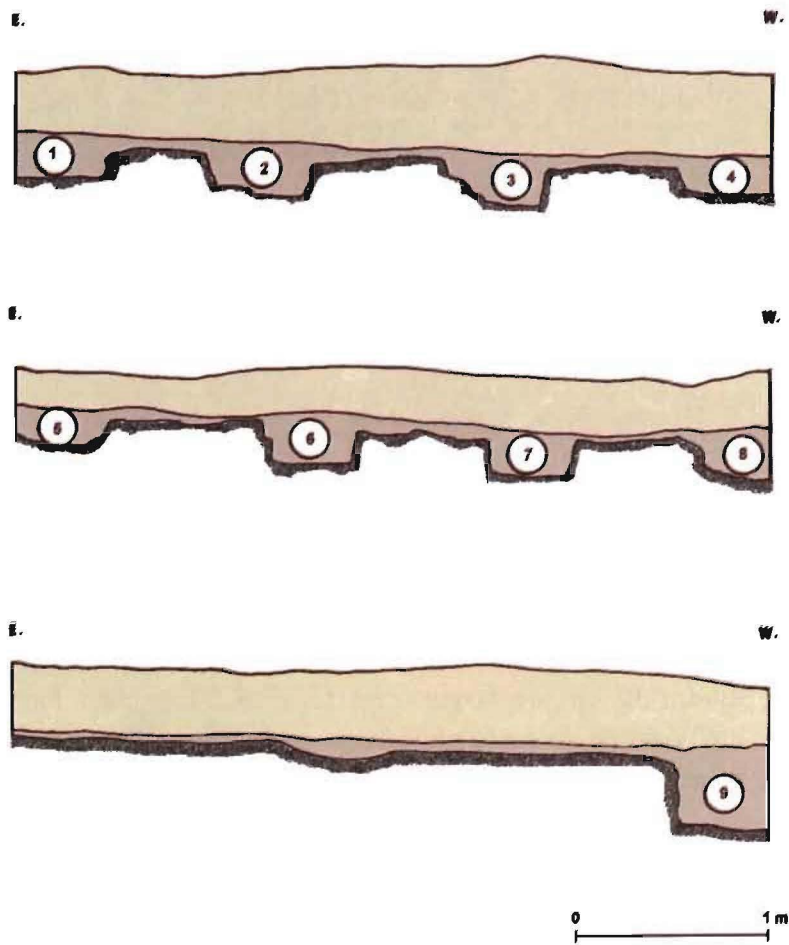


Fig. 2.9 – Quadrícula Q 10: perfis esquemáticos, com orientação Este/Oeste, indicando a implantação das nove "covas de lobo".

Cova 1 A primeira "cova de lobo" a ser escavada corresponde às unidades estratigráficas UE. 7 e UE. 8. A mancha de terra que a define (UE. 7) está junto do perfil leste do quadrado, prolongando-se no corte. Tem orientação a 100/200 graus, precisamente Este/Oeste. A terra que a enchia era castanha escura, muito húmida (M. 10YR 4/4) e continha um cravo de ferradura (Fig. 2.16, n.º 6), uma lasca de sílex (Fig. 2.16, n.º 3) e três seixos rolados junto do fundo. A cova propriamente dita (UE. 8) tem forma rectangular com cantos arredondados, 50 cm de comprimento, no topo, e 47 cm, no fundo; a largura é de 30 cm, no topo, e 22 cm, no fundo. Apresenta cerca de 20 cm de profundidade de corte no saibro (a cota negativa, a partir do ponto 0 é de -107 cm).

Cova 2 A segunda (UEs. 9 e 10) tem também posição diagonal em relação aos perfis do quadrado, orientado a 130/330 graus, e posição Este//Oeste, a cerca de 50 cm de distância da primeira. As terras do interior (UE. 9) eram castanhas escuras (M. 10YR 4/4) e continham dois minúsculos bordos de cerâmica comum, aparentemente de época tardo-medieval. Tem forma rectangular (UE. 10) com 67 cm de comprimento, no topo, e 55 cm, no fundo; 40 cm de largura, no topo, e 24 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 26/28 cm (a cota negativa, a partir do ponto 0 é de -112 cm).

Cova 3 Está a uma distância de 65/70 cm da segunda cova e tem a mesma forma e orientação. As terras contidas no interior (UE. 11) eram do mesmo tipo e cor e registou-se uma pequena lasca de sílex (Fig. 2.16, n.º 2) e um minúsculo fragmento de cerâmica comum. A estrutura negativa que a forma é rectangular de cantos arredondados (UE. 12), com dois ressaltos na largura leste, seguramente correspondentes ao trabalho da enxada ou da pá, aquando da sua abertura. Apresenta 60 cm de comprimento no topo e, devido aos ressaltos, tem apenas 35/40 cm de comprimento no fundo. Tem cerca de 20 cm de profundidade de corte no saibro, ou seja uma cota negativa de -119 cm.



Fig. 2.10 - Aspecto da escavação na quadrícula Q-11: 1. Área poente da quadrícula, vendo-se as covas 3 e 4.

- Cova 4 Fica a uma distância de 50 cm da cova 3, tem a mesma orientação e forma rectangular (UE. 14), prolongando-se pelo perfil poente do quadrado, sob as raízes da oliveira que está junto do corte. Tem 68 cm de comprimento no topo e cerca de 42 cm no fundo; a largura é de 28/30 cm no topo e de 20/24 cm no fundo; a altura de corte no saibro é de cerca de 15/20 cm – cota negativa de – 116 cm. A terras que a enchiam (UE. 13) são igualmente castanhas escuras e continham seixos rolados e um pequeno fragmento de cerâmica, de pasta e superfícies alaranjadas, de tipo idêntico aos fragmentos recolhidos na cova 1.
- Cova 5 Esta "cova de lobo" situa-se junto do perfil leste do quadrado, tendo orientação perpendicular ao corte, a 130 grados, o que mostra uma certa descoordenação em relação à primeira fiada de covas. Está a cerca de 1,18 m da cova 1 e tinha alguns seixos a limitá-la, na parte superior, colocados entre a terra do estrato 2 (UE. 2) e o saibro que caracteriza a rocha (UE. 27). A estrutura negativa (UE. 16) tem forma rectangular com cantos arredondados, cerca de 50 cm de comprimento, quer no topo, quer no fundo. A largura é de 35 cm no topo e 24 cm no fundo e a profundidade de corte no saibro é de 15 cm (cota negativa -101 cm). As terras que enchiam esta cova (UE. 15) eram igualmente castanhas escuras e húmidas e continham uma lasca de sílex (Fig. 2.16, nº 1) e um prego, ou possível cravo de ferradura (Fig. 2.16, nº 4).
- Cova 6 Fica a cerca de 70 cm, para poente da cova 5 e a 98 cm da cova 2 (situada a sul). Está também orientada a 130 grados e, como as outras, tem planta rectangular. A estrutura negativa (UE. 18) apresenta 52 cm de comprimento no topo e 45 cm no fundo; tem uma largura de 37 cm no topo e cerca de 35 cm no fundo; a altura de corte no saibro é de 28 cm (cota negativa -113 cm). Na zona desta cova, principalmente em direcção ao perfil norte, a rocha (UE. 27) é mais irregular, formando uma depressão no saibro, que alarga em direcção ao perfil. A terra que a cobria (UE. 17) era castanha escura e não continha nenhum espólio.



Fig. 2.11 – Aspecto da escavação na quadrícula Q-11: 2. Pormenor da cova 6.

Cova 7 Situa-se a 70 cm da cova 6 e a 80 cm da cova 3. Tem a mesma orientação, a 130 graus, e apresenta uma planta sub-quadrangular. A estrutura negativa (UE. 20) possui cerca de 52 cm de comprimento no topo e 40 cm no fundo; uma largura de 50 cm no topo e 22/25 cm no fundo; a altura de corte no saibro é de 24 cm (cota negativa -116 cm). As terras contidas no interior (UE. 19) registavam alguns seixos rolados junto do fundo.

Cova 8 Localiza-se junto do perfil poente do quadrado, prolongando-se sob o mesmo. Está a 55 cm da cova 7 e a 90 cm da cova 4. A estrutura negativa (UE. 22) tem forma sub-quadrangular com 50 cm de comprimento visível no topo e apenas 32/35 cm no fundo; a largura é de 50 cm no topo e 35 cm no fundo e a profundidade de corte no saibro é de 26 cm (cota negativa -122 cm). As terras que a enchiam (UE. 21) eram castanhas escuras e continham alguns seixos rolados junto do fundo.

Cova 9 Está, aparentemente, isolada em relação às fiadas anteriormente descritas. Encontra-se, como a cova anterior, junto do perfil poente do quadrado e prolonga-se no corte. Fica a 58 cm da cova 8 e também está orientada a 130 graus. A estrutura negativa (UE. 24) tem 55 cm de comprimento no topo e 48 cm no fundo; a largura de topo é de 50 cm e, no fundo, de 25 cm; a profundidade no corte do saibro é de 36 cm (cota negativa -142 cm). Tinha alguns ressaltos laterais, provocados seguramente pela enxada ou a pá durante a sua abertura. As terras que estavam no interior (UE. 23) eram escuras e não apresentavam espólio, mas encontrou-se um cravo de ferradura (Fig. 2. 16, n.º 5), no exterior norte (UE. 2), junto do corte da cova.

2.3.3. Sondagem 3: quadrado U10

O quadrado U10 situa-se no topo poente da propriedade particular, a 40/44 m de distância do quadrado L10, na zona oposta às duas estacas (P4/P8) colocadas aquando da prospecção geofísica e que serviram de ponto de partida para a implantação das quadrículas. Inicialmente, não se previa intervir neste local, pois já não estava abrangido pela leitura das sondagens aplicadas pela geofísica (Figs. 2.3 e 2.4).

A sua escavação resultou de um facto accidental. O proprietário do terreno requeria, diariamente, que voltássemos a tapar a área escavada nos quadrados L10/M10 e, por isso, solicitou-se à Câmara Municipal de Porto de Mós um operador de máquina, para rapidamente se voltar a tapar, com rectroescavadora, os quadrados que não revelaram nenhum vestígio relacionado com a batalha.

Por feliz coincidência, o operador chegou ao terreno quando estávamos no intervalo do almoço e, não esperando pelo nosso regresso, partiu do princípio de que devia remover as terras aráveis da área oposta aos quadrados já escavados, precisamente onde estavam outras duas estacas P4/P8, localizadas no topo poente do terreno. Quando chegámos ao campo já essa zona estava a ser aberta, até cerca de 30 cm de profundidade, e nem coincidia, sequer, com uma quadrícula. Ultrapassava mesmo os limites das estacas e, para Este, atingia cerca de 90 cm de extensão, já pertencente à quadrícula que designámos por T10, embora esta não tenha sido integralmente escavada.



Fig. 2.12 – Aspecto da escavação na quadrícula U-10: 1. Fosso com terras húmidas e muitos seixos rolados, que faziam parte do enchimento; 2. Perfil norte, vendo-se o pormenor do enchimento.

Os trabalhos com a máquina pararam de imediato mantendo-se, inclusivamente, junto do perfil, irregular, as terras retiradas da área já aberta. Solicitou-se, então, que os quadrados L10/M10 fossem tapados, pois tinha sido para isso que pedíramos a máquina. Entretanto, ficámos com uma área irregular e semi-aberta, no topo poente do terreno, o que dava péssimo aspecto à escavação.

No início da 3.^a semana de trabalho, quando apenas faltava acabar os desenhos no quadrado Q11, decidi que se devia, pelo menos, marcar uma quadrícula no topo poente e acertar os cortes irregulares provocados pela máquina, retirando de forma homogénea a camada de terra arável (UE. 1), até aos 40 cm de profundidade.

A partir dos 35/40 cm notava-se, no entanto, uma certa diferença de tonalidade nas terras. Sob o estrato arável, a camada que, aparentemente, devia anteceder a rocha (UE. 2), tinha zonas mais ou menos escuras. Ao defini-las veio a observar-se, numa área central da quadrícula, uma enorme mancha de terra escura e bastante húmida (UE. 25), que se prolongava, na diagonal, para o exterior dos limites do quadrado U10, sobretudo em direcção a T10.

Estava, assim, definido o tramo de um fosso (Fig. 2.13). Optou-se, a partir daí, por limpar também o terreno revolvido pela máquina até aos 90 cm/1m, já no quadrado T10, e definir bem os contornos do espaço ocupado por terras mais escuras, que continham muitos seixos rolados. A escavação dessa mancha de terra escura e com seixos foi designada por unidade estratigráfica 25 e cobria totalmente a estrutura negativa correspondente ao fosso (Fig. 2.14).

O espaço compreendido pelo fosso (UE. 26) foi cortado na UE. 2 e UE. 27. Apresenta uma orientação na diagonal, em relação à marcação das quadrículas, precisamente a 175 graus – ou seja, a Sudeste/Noroeste. A partir dos 55 cm de profundidade, no perfil norte do quadrado U10, a largura do fosso era de 1,48 m por estar na diagonal e se prolongar sob o corte.

Em plano, revelou uma largura com cerca de 88/90 cm no topo conservado (Fig. 2.15) – terras de contacto da UE 2 com o saibro – e apresentava, junto da base, um ressalto cortado na rocha saibrosa, onde estreitava para uma largura média de 67/70 cm. O fundo, bastante mais estreito, tinha cerca de 50/60 cm de largura. Quanto à profundidade de corte no saibro apresentava aproximadamente 60 cm, o que correspondia

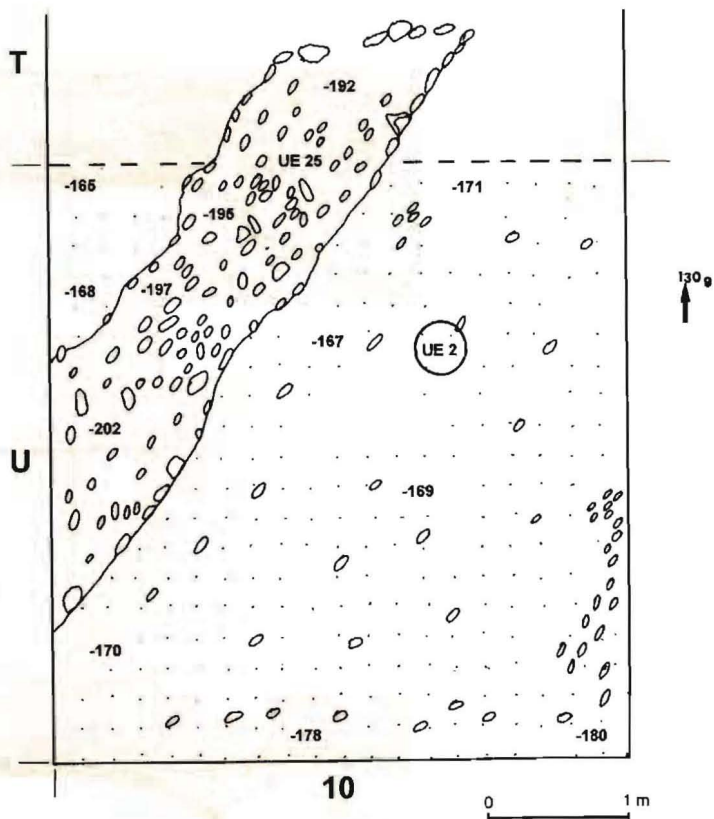


Fig. 2.13 – Planta do quadrado U 10, prolongando-se para T 10. Plano I com indicação do enchimento do fosso feito com terras negras e grande quantidade de seixos rolados (UE. 25).

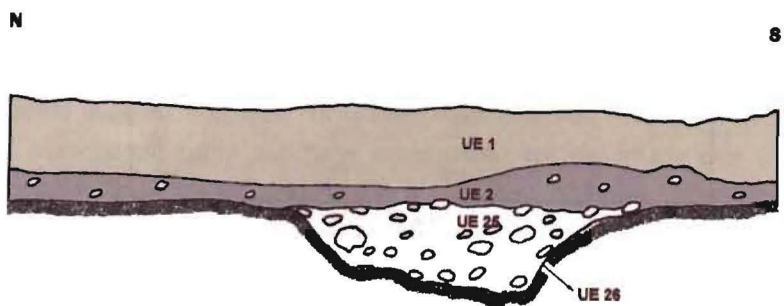
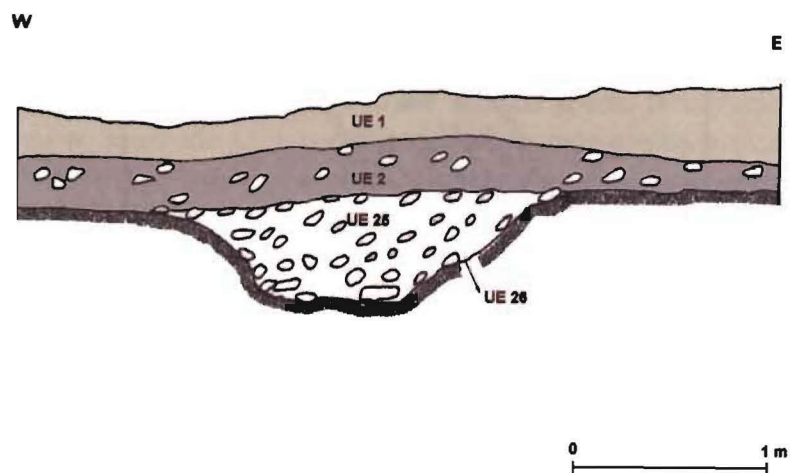


Fig. 2.14 – Leitura estratigráfica do fosso: 1. Perfil norte, no quadrado U 10; 2. Perfil leste, no quadrado T 10.

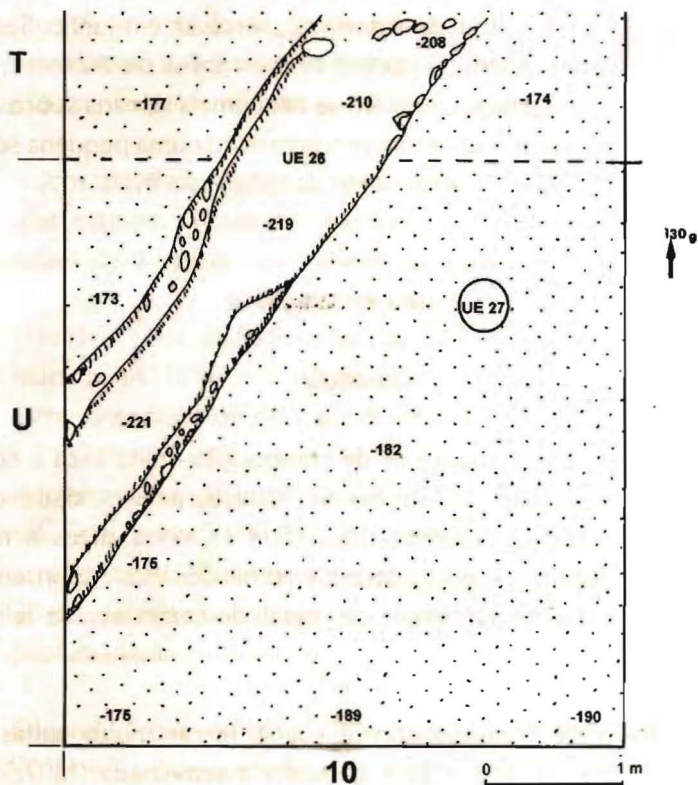


Fig. 2.15 – Planta do quadrado U 10, prolongando-se para T 10. Plano 2, com a linha de corte do fosso (UE. 26) aberto na rocha saibrosa (UE. 27).

a cotas negativas entre -210 e -221 cm, medidas tiradas, obviamente, a partir do ponto 0, localizado numa zona mais alta do terreno.

Finalmente, definiu-se como UE 27 o substrato rochoso, de características saibrosas avermelhadas claras (M. 5YR 5/8) e castanhas amareladas (M. 10YR 5/6 e 6/6), as últimas pertencendo a manchas de areia mais fina e húmida, quase brotando água, apesar de estarmos a escavar em Junho. Sendo esta região uma formação pliocénica, constituída por areias de diferentes calibres, a existência de calhaus rolados mantém-se também na camada saibrosa, pouco consolidada e fácil de escavar, como se comprovou numa pequena sondagem experimental efectuada no canto norte da quadrícula M10.

Leitura estratigráfica

UE/s	Descrição
UE. 1	Terra arável de superfície, de composição muito seca e compacta, em média com 30/35 cm de espessura. Tonalidade castanha avermelhada e argilosa (M. 5YR 4/6), com raízes e materiais arqueológicos de época recente, recolhidos mas não inventariados: fragmentos de artefactos de metal, de cerâmicas, de telhas e de tijolos.
UE. 2	Estrato de contacto com a rocha. Terras muito soltas, de cor castanha (M. 5YR 4/2) e castanha avermelhada (M. 7.5YR 4/4), apresentando cerca de 5 a 10 cm de espessura. É coberta pela UE. 1 e ocupa toda a extensão das quadrículas. Apresenta seixos e raros fragmentos de cerâmica e pregos.
122 UE. 3	Mancha oval, com terra de tonalidade castanha escura, avermelhada e húmida (M. 5YR 5/4). Apresenta orientação este/oeste, no topo este do quadrado L10. Não continha materiais arqueológicos.
UE. 4	Esqueleto de pequeno ovicaprino, depositado no fundo da UE. 5 e coberto pela UE. 3. Tinha o crâneo para leste, junto do perfil do quadrado L10.

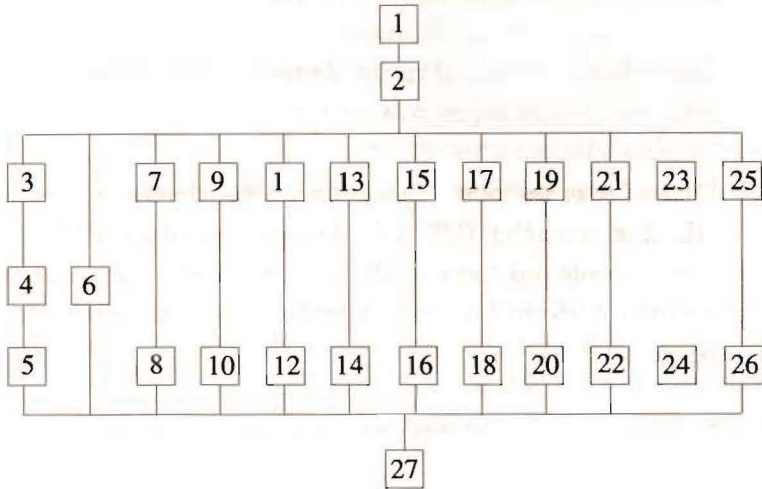
- UE. 5 Elemento interfacial vertical, que corresponde a uma fossa que corta as UE. 2 e UE. 27. Tem sentido este/oeste e apresenta planta oval, com 1 m de comprimento, cerca de 40/46 cm de largura e conserva entre 15/20 cm de profundidade máxima. Contém no interior as UE. 3 e UE. 4. As lavouras sucessivas não permitiram identificar esta fossa desde a sua linha de topo, pelo que só começaram a definir-se as terras contidas no seu interior aos 35/36 cm de profundidade.
- UE. 6 Sulcos pouco profundos (cerca de 5 a 10 cm de profundidade), que marcam o saibro e pertencem aos vestígios deixados por raízes de oliveiras, bem visíveis no quadrado M10.
- UE. 7 Primeira "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura, muito húmida (M. 10YR 4/4). Continha dois minúsculos fragmentos de ferro, uma lasca de sílex e três seixos rolados junto do fundo.
- UE. 8 Primeira "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular com cantos arredondados, 50 cm de comprimento, no topo, e 47 cm, no fundo; 30 cm de largura, no topo, e 22 cm, no fundo; cerca de 20 cm de profundidade.
- UE. 9 Segunda "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), que continha dois pequenos fragmentos de cerâmica comum.
- UE.10 Segunda "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 67 cm de comprimento, no topo, e 55 cm, no fundo; 40 cm de largura, no topo, e 24 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 26/28 cm.
- UE.11 Terceira "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), com uma pequena lasca de sílex, um fragmento de cerâmica e um seixo rolado no fundo.

- UE.12 Terceira "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 60 cm de comprimento, no topo, e 35/40 cm no fundo; 35 cm de largura, no topo, e 22/24 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 20 cm.
- UE.13 Quarta "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), contendo um fragmento de cerâmica e seixos rolados no fundo.
- UE.14 Quarta "cova de lobo". Elemento interfacial vertical de forma rectangular: 68 cm de comprimento, no topo, e 42 cm, no fundo; 28/30 cm de largura, no topo, e 20/24 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 15/20 cm.
- UE.15 Quinta "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), continha alguns seixos rolados, uma pequena lasca de sílex e um fragmento de possível prego.
- UE.16 Quinta "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Rectangular: 50 cm de comprimento, no topo, e 50 cm, no fundo; 35 cm de largura, no topo, e 24 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 15 cm.
- UE.17 Sexta "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), não contendo nenhum espólio.
- UE.18 Sexta "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 52 cm de comprimento, no topo, e 45 cm, no fundo; 37 cm de largura, no topo, e 35 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 28 cm.
- UE.19 Sétima "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), com vários seixos rolados no fundo.
- UE.20 Sétima "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 52 cm de comprimento,

no topo, e 40 cm, no fundo; 50 cm de largura, no topo, e 22/25 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 24 cm.

- UE.21 Oitava "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), com vários seixos rolados no fundo.
- UE.22 Oitava "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 50 cm de comprimento, no topo, e 32/35 cm, no fundo; 50 cm de largura, no topo, e 35 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 26 cm.
- UE.23 Nona "cova de lobo". Mancha de terra castanha escura (M. 10YR 4/4), não apresentava espólio no interior. Encontrou-se um cravo de ferradura, entre as terras junto do corte, no lado norte.
- UE.24 Nona "cova de lobo". Elemento interfacial vertical, que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma rectangular: 55 cm de comprimento, no topo, e 48 cm, no fundo; 50 cm de largura, no topo, e 25 cm, no fundo; a profundidade de corte no saibro é de 36 cm.
- UE.25 Grande fosso. Mancha de terra castanha escura, muito húmida (M. 10YR 3/3), com grandes quantidades de seixos rolados.
- UE.26 Grande fosso. Elemento interfacial vertical que corta a UE. 2 e a rocha (UE. 27). Forma com tendência troncocónica, mais larga no topo, com 88/90 cm, e mais estreita no fundo, com 50/60 cm. Corte no saibro com 60 cm de altura.
- UE.27 Rocha composta por saibro grosso, pouco consistente e húmido, de cor alaranjada (M. 5YR 5/8), com manchas de areia muito húmida, de cor amarelada (M. 10YR 5/6 e 6/6). No quadrado M10 efectuou-se, para experimentação, um corte no saibro e verificou-se que o componente saibro/areia é extremamente fácil de escavar, sendo possível abrir muitas "covas de lobo" em pouco tempo.

Matriz das unidades estratigráficas



2.4. O espólio arqueológico

Durante o processo de escavação, verificou-se estarem completamente ausentes quaisquer materiais arqueológicos relacionados com armas utilizadas na batalha de Aljubarrota, facto que se verificou também durante as escavações anteriores. Pode pensar-se, no entanto, que alguns pregos e cravos, de possíveis ferraduras, encontrados nas terras que cobriam as "covas de lobo", tenham pertencido ao período em questão.

Porque nas proximidades da área escavada se encontra um edifício em ruínas, as terras superficiais, de lavoura, revelaram, por arrasto, poucos materiais de época recente, sobretudo fragmentos de telhas, de tijolos, de pregos, de duas placas e de uma dobradiça, de ferro. Mas também se recolheram pequenos fragmentos de cerâmica comum não vidrada e vidrada. Alguns pertencem a faianças tardias, com decoração azul, outros são louça de tipo "ratinhos" e de Sacavém. Os materiais arqueológicos exumados, assim como o esqueleto, foram depositados no Museu Militar de S. Jorge. Encontram-se por inventariar os recolhidos nas camadas 1 e 2, pois não revelam qualquer interesse do ponto de vista arqueológico.

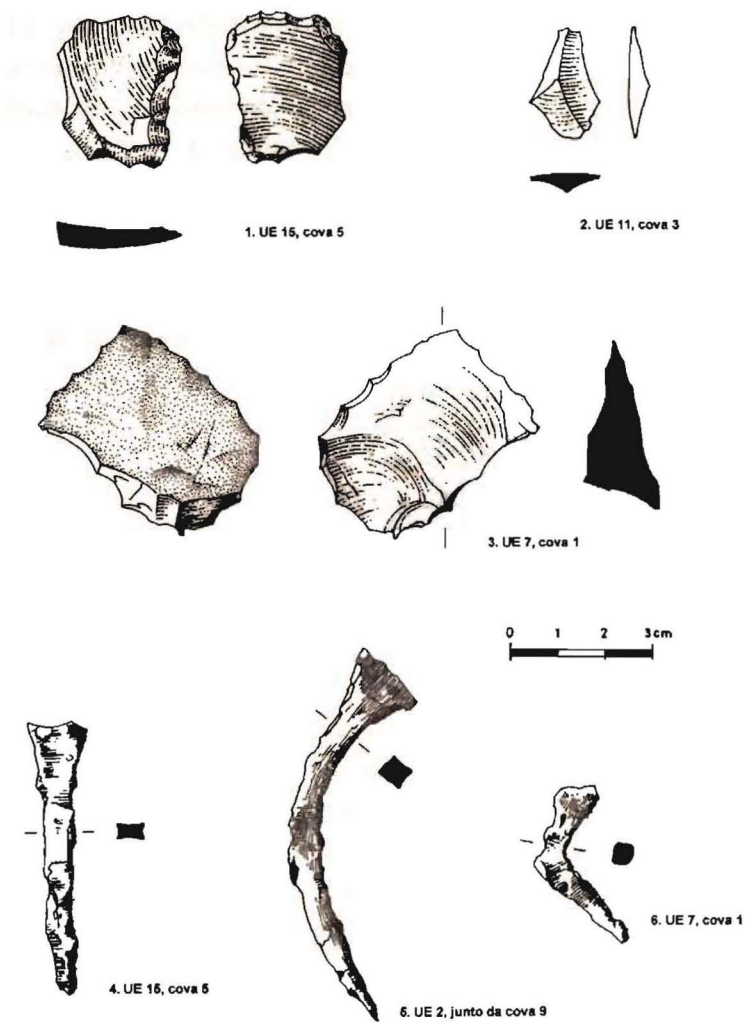


Fig. 2.16 – Artefactos recolhidos em conexão com as “covas de lobo”.

O único espólio que poderá coincidir com a época da batalha, ou ser um pouco posterior, foi exumado na UE. 2 do quadrado Q.II, nas terras húmidas junto de "covas de lobo", e no interior das mesmas (Fig. 2.16): um cravo, dobrado, nas terras da cova 1; dois fragmentos de bordos, não desenháveis, nas terras da cova 2; um prego ou cravo, nas da cova 5; um prego ou cravo, nas terras da UE. 2, junto da cova 9.

Para além da grande quantidade de seixos rolados, misturados com as terras que tapavam a grande vala, e de alguns encontrados no fundo de "covas de lobo", os achados arqueológicos mais significativos são artefactos líticos. Recolheram-se, respectivamente, nas terras que cobriam as covas 1, 3 e 5, uma raspadeira e duas lascas de sílex, com vestígios de retoque. Aparentemente, poderia pensar-se que teriam servido de meras pedras de pederneira, ou pedras-de-fogo. No entanto, a existência de retoque levou-me a considerá-las artefactos pré-históricos e a colocar a hipótese de haver, nas proximidades, uma estação arqueológica desse período.

2.5. Síntese dos trabalhos

Como é de conhecimento público, não é a primeira vez que se fazem trabalhos arqueológicos no Campo Militar de S. Jorge. Em torno da ermida, o Tenente-Coronel Afonso do Paço identificou uma vala com enterramentos humanos e um grande fosso, abrangendo aproximadamente 181,80 m, com traçado irregular, e conservando, em alguns tramos, entre 60/90 cm de largura por 40/70 cm de profundidade (PAÇO, 1959, pp. 41-44). Perpendicularmente, e orientadas sensivelmente no sentido do eixo da ermida, em direcção a sudeste da mesma, foram igualmente descobertas várias centenas de "covas de lobo", em zonas mais ou menos densas, que correspondiam a estruturas negativas "muito irregulares quanto a dimensões, profundidades e mesmo orientação" (*ibid*, pp. 47-48). Outros fossos foram também localizados entre as covas, tendo diferentes dimensões e orientação (*ibid*, p. 48 e Fig. n.º 4).

Os trabalhos agora realizados localizaram-se a poente da ermida, numa zona completamente oposta ao grande fosso e bastante afastada das "covas de lobo" já escavadas. Das três sondagens efectuadas, a primeira (quadrados L10/M10) não revelou nenhum vestígio relacionado com a guerra, mas tão

só o enterramento de um animal. A escavação dos outros quadrados coincidiu, no entanto, com defesas colocadas a noroeste, do mesmo tipo das anteriormente identificadas, o que pode elucidar-nos melhor sobre a estratégia da batalha. De facto, ao escavar-se para oeste da ermida, os dispositivos de defesa acessória identificados revelam que houve uma certa preocupação de simetria na disposição defensiva, precisamente localizada no lado direito da vanguarda portuguesa, como se pode observar na planta que indica a área intervencionada (Fig. 2.2).

O conjunto de "covas de lobo" agora postas a descoberto prolonga-se, seguramente, para as áreas adjacentes ao quadrado Q11, sobretudo para a propriedade particular, em direcção a Sul, se tivermos em consideração que, de uma possível terceira fiada de covas, no lado norte, só se encontrou a nº 9, localizada já em terrenos pertencentes ao Campo Militar.

Pelas observações no corte do saibro pode depreender-se que as fiadas de covas 1 a 4 devem ter sido escavadas por um combatente que as orientou todas na mesma direcção, precisamente com sentido este/oeste (100/300 grados). A segunda fiada de covas terá sido feita, eventualmente, por outro indivíduo, que as escavou de forma um pouco descentrada em relação às anteriores, dispondo-as a 130/330 grados, o que coincide com a orientação que fizémos para a marcação das quadrículas.

As terras que cobriam as estruturas negativas eram todas do mesmo tipo, castanhas escuras e húmidas, pouco se diferenciando das que caracterizam o estrato 2 (UE. 2), que antecede a rocha saibrosa (UE. 27). Misturadas com essas terras registaram-se, para além de minúsculos fragmentos de cerâmica e algumas lascas de sílex, vários seixos rolados depositados, em alguns casos, no fundo das covas. O facto de aparecerem seixos no seu interior não será de estranhar, pois todas as terras retiradas os continham e, inclusivamente, podem observar-se à superfície do terreno. A sua ocorrência já havia sido assinalada por Afonso do Paço, principalmente no grande fosso (PAÇO, 1959, Fig. 7) e nas "covas de lobo", o mesmo se verificando na intervenção arqueológica realizada por Fernando Severino Lourenço (1985, pp. 12-13). Poderia arriscar-se a hipótese de esses seixos, abundantes no substrato rochoso local, terem sido utilizados como pedras de arremesso durante o combate. Mas parece pouco provável, pela sua forma ovóide e irregular, que tivessem servido como pedras de fundas.

Para além de nove "covas de lobo", também se descobriu um tramo de fosso, que ocupa a diagonal de todo o quadrado U10 e se prolonga para T10 e outros espaços adjacentes. É do mesmo tipo do grande fosso descrito por Afonso do Paço (1959, pp. 43-45), tendo também cerca de 90 cm de largura no topo conservado, um enchimento com terras negras e contendo muitos seixos rolados, depositados aquando do enchimento, feito possivelmente pouco depois da batalha.

Quanto à interpretação destas "covas de lobo", apesar de não terem a forma mais habitual das armadilhas usadas na captura de lobos (normalmente escavadas em forma de tronco de cone circular), sabe-se que eram utilizados dispositivos deste tipo nas guerras da Baixa Idade Média. Pela concentração de covas encontradas no Campo Militar de S. Jorge, podemos considerá-las, de facto, como defesas acessórias, colocadas de modo a tornar mais difícil a marcha dos atacantes franco-castelhanos. Assim, pode concluir-se, em definitivo, que correspondem a dispositivos de defesa feitos pelo exército anglo-português, e descritos ou insinuados em algumas fontes coevas, nomeadamente nas crónicas de Froissart, o qual descreve a existência de obstáculos escavados no campo de batalha (cf. Cap. 4.º).

Quer pelas plantas e cortes apresentados por Afonso do Paço, quer pelos vestígios agora descobertos, sou de opinião que devem refutar-se, definitivamente, algumas das hipóteses enunciadas por Nuno Valdez dos Santos (1979, pp. 3-15): pela sua forma, dimensões e tipo de terreno, essas covas nunca foram abertas para extracção de argila, que, aliás, não existe no local onde foram rasgadas; pela minha própria experiência em escavações de sítios de época islâmica, onde abundam silos para armazenamento de cereais, é impossível que tivessem pertencido a este tipo de estruturas, que são sempre grandes covas, de abertura circular e razoável profundidade. O próprio terreno, arenoso e húmido, não permitiria conservação de cereais em simples silos abertos nesse tipo de terreno.

Para além de serem descabidas essas conjecturas sobre a funcionalidade das covas e dos fossos, pode igualmente rebater-se a hipotética dificuldade de, em pouco tempo, haver disponibilidade de meios humanos/tempo para abrir tal quantidade de dispositivos, escassas horas antes da batalha. Pelas próprias características do solo actual, que não é agricultado há vários anos, constatou-se ser fácil de escavar, pois as terras são húmidas, pouco argilosas, e o substrato rochoso é composto por saibro e areia, que se retira

facilmente, até com uma pá, conforme se verificou numa sondagem experimental realizada no quadrado M10. Opinião idêntica foi perfeitamente assumida por Fernando Severino Lourenço, que refere, inclusivamente, o facto de as terras retiradas aquando da abertura de covas e fossos, ficando camufladas pelos arbustos, servirem de obstáculo à marcha da cavalaria castelhana. Coloca também a hipótese de algumas covas terem sido feitas após a batalha, de modo a prevenir o reagrupamento do exército inimigo (LOURENÇO, 1985, pp. 11-13).

Pelo exposto, os objectivos que nos levaram a intervir neste local foram, pois, bastante conseguidos, e os resultados obtidos ajudam a compreender melhor a disposição da batalha. Mais uma vez, ao aludir, de forma reticente, às defesas acessórias de Aljubarrota, Nuno Valdez dos Santos comentou o seguinte: "se essa 'zona fortificada' fizesse parte de um sistema defensivo, então seria natural que o flanco direito (...) tivesse idênticas obras de fortificação, que seriam também levemente oblíquas à linha de combate e todo o conjunto formaria uma espécie de funil que reduziria a frente de combate a escassas centenas de metros" (SANTOS, 1979, pp. 6-7). Na realidade, agora que se escavou na área oeste da ermida, sondagens essas localizadas do lado direito da vanguarda portuguesa (Fig. 2.2), podemos considerar que houve, efectivamente, essa preocupação de proteger o flanco direito e de reduzir o campo de combate.

Finalmente, não será de estranhar a escassez de espólio arqueológico exumado nas sondagens efectuadas, visto que o exército português aí permaneceu o tempo suficiente para recolher armas e para sepultar alguns dos que pereceram em pleno campo de batalha. Outro material pode ter sido aproveitado pelos agricultores da região, para posterior refundição, restando apenas, entre as terras de algumas covas, pequenos pregos e "cravos" pertencentes seguramente a ferraduras de cavalos.

Terminados os trabalhos de campo, as "covas de lobo" e o fosso foram tapados com tela plastificada (tipo geotextil), sobre o que se cobriu tudo com terra, de modo a proteger os vestígios. Mas pela relevante importância arqueológica de toda a ÁREA I da prospecção geofísica, chama-se a atenção para a necessidade de se preservar todo este espaço. Escavou-se apenas uma ínfima parte do conjunto, se tivermos em atenção as 830 covas e vários fossos identificados por Afonso do Paço; mas é possível que um conjunto idêntico se estenda pela área poente da ermida.

Referências Bibliográficas

- TRÓCOLI, Isabel G. e SOSPEDRA, Rafel (Ed.),
1992 - *Harris Matriz. Sistemas de registre en arqueología*, 2 vols., Ed. Àngels Santa, Série Història, Lleida.
- FIGUEIREDO, Fernando Pedro Ortega de Oliveira,
1999 - *Aplicação de prospecção geofísica à localização de estruturas arqueológicas no Campo Militar de S. Jorge*. Relatório nº 2, Departamento de Ciências da Terra, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Coimbra (texto policopiado).
- HARRIS, Edward C.,
1979 - *Principles of archaeological stratigraphy*, Academic Press, Londres.
- LOURENÇO, Fernando Severino,
1985 - *O sistema defensivo da Batalha de Aljubarrota, "Baluarte"*, Revista das Forças Armadas Portuguesas; nº 4, Lisboa, pp. 8-13.
1986 - *Campo de Batalha de S. Jorge (Aljubarrota)*, "Informação Arqueológica", nº 7, Lisboa, pp. 48-50.
- PAÇO, Afonso do,
1959 - *Escavações de carácter histórico no campo de batalha*, in "Aljubarrota - trabalhos em execução de arqueologia militar", Comissão de História Militar, Lisboa, pp. 37-51.
1975 - *Escavações realizadas no campo de batalha de Aljubarrota*, "Dicionário de História de Portugal" (dir. Joel Serrão), Livraria Figueirinhas, Porto, pp. 109-111.
- SANTOS, Nuno Valdez dos,
1979 - *Certezas e incertezas da Batalha de Aljubarrota*, Separata da "Revista Militar", nº 8/9, pp. 3-15.

(Página deixada propositadamente em branco)

